



## A linguagem dos idosos da região sudeste do Brasil: o nível prosódico

Karoline Pimentel dos Santos e Ana Paula Santana\*

Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal de Santa Catarina, Campus Reitor João David Ferreira Lima, 88040-970, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. \*Autor para correspondência. E-mail: anaposantana@hotmail.com

**RESUMO.** O objetivo deste artigo é analisar a velocidade de fala de 16 idosos saudáveis, de 50 a 65 anos, provenientes da região Sudeste do Brasil. Os dados foram extraídos do discurso semiespontâneo do banco de dados do ALIB. Para a análise da velocidade de fala (ms/palavra), foi utilizado o programa *Transcriber*. Os resultados mostraram que há uma variação de velocidade entre sujeitos de diferentes capitais. Idosos de Belo Horizonte apresentam maior velocidade no Sudeste, ao passo que cariocas apresentam a menor velocidade na mesma região. Concluiu-se que a redução da velocidade de fala encontrada na literatura pode não ser reflexo de degeneração por envelhecimento e ter relação com aspectos socioculturais.

**Palavras-chave:** envelhecimento, velocidade, variação linguística.

### Language of the elderly in Southeastern Brazil: the prosodic level

**ABSTRACT.** This paper aimed to analyze the speech rate of 16 healthy elderly, aging 50 to 65, from the Southeast of Brazil. Data was collected from semi spontaneous discourse of ALIB database. The *Transcriber* program was used to analyze speech rate (min/word). The results showed there is a speed variation between subjects from different areas. Elderly from Belo Horizonte demonstrated higher speed in the Southeast, whereas elderly from Rio de Janeiro showed the lowest rate in the same region. It was concluded that the decrease in speech rate in the literature may not be a result of aging process and it might be related with sociocultural aspects.

**Keywords:** aging, rate, linguistic variation.

#### Introdução

Segundo a Organização Mundial da Saúde [OMS] (2001), o Brasil, em 2025, será o sexto país do mundo com o maior número de idosos. Em 2050, haverá uma média de 15 milhões de idosos, dos quais 13,5 milhões apresentarão idade superior a 80 anos.

Embora tenhamos políticas públicas específicas voltadas para esse grupo etário, como a Política Nacional do Idoso, o Estatuto do Idoso (Lei nº 10.741, 2003) e a Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa (Portaria nº 2.528, 2006; Lei nº 8.842, 2010), o Brasil ainda se encontra em um processo de adaptação para esta nova realidade. Há, assim, a necessidade de pesquisas voltadas para a compreensão do processo de envelhecimento e sua construção social.

Neste texto, partimos de uma compreensão do envelhecimento como uma construção social (Hareven, 1999). Dessa forma, a caracterização da velhice apresenta-se de modo difuso, já que seu conceito é variável segundo cada cultura, podendo ser representada tanto positiva quanto negativamente.

O envelhecimento pode ser definido conforme a perspectiva cronológica (por idade) ou psicológica (estado de espírito) (Ramos, 2003). No mundo ocidental, há uma tendência a considerar o envelhecimento a partir da perspectiva cronológica. Paire, contudo, certa imprecisão metodológica nos trabalhos referentes ao envelhecimento, em relação à delimitação dessa faixa etária, prejudicando a comparação entre seus resultados (Verhaegen & Poncelet, 2013). É possível verificar, por exemplo, que alguns trabalhos incluem sujeitos a partir dos 50 anos na categoria idosos, outros incluem sujeitos a partir dos 60 anos (Camarano, 2002). De todo modo, em geral, idosos com idade inferior a 79 anos são chamadas de 'idosos jovens' enquanto que idosos com idade superior a 79 anos são chamados de 'idosos velhos'. Importa observar, no entanto, que ambos os fatores, cronológico e psicológico, parecem não se distinguir por uma postura metodológica mais ou menos objetiva, mas, antes, caracterizam-se dentro do âmbito sociocultural, por exemplo: podemos considerar uma pessoa idosa com 39 anos em Serra Leoa, cuja expectativa de vida da população é em torno dos 40 anos? Ou ainda, ser avô aos 45 anos é vivenciar um papel social de idoso, mas essa pessoa seria idosa?

A literatura mais organicista aponta déficits fisiológicos (Fabron, Sebastião, & Onofri, 2013) que ocorrem nesse período da vida. Encontramos também, na área de neurologia, descrições pormenorizadas sobre o cérebro do idoso:

Em sujeitos idosos saudáveis, a neuroimagem estrutural com TC e RM mostra redução do volume total do cérebro, com dilatação dos sulcos e sistema ventricular, especialmente dos ventrículos laterais e III ventrículo (Damasceno, 1999, p. 82).

Ressalta-se, no entanto, que um cérebro com menor volume não significa um cérebro com menor capacidade de funcionamento, pois a relação entre cérebro e cognição não pode ser analisada a despeito das condições de vida em sociedade (Morato, 2002).

Especificamente na área da linguagem, concordamos com Monteiro e Gamburgio (2007), que além de serem escassas as investigações existentes, os estudos já realizados não refletem as reais habilidades comunicativas dos idosos. Isto porque a grande maioria desses estudos ou compara o desempenho linguístico de sujeitos idosos ao de sujeitos não idosos, ou compara com o desempenho de sujeitos não idosos ao de pessoas acometidas por demências senis ou lesões neurológicas em idade idosa.

Neste caminho, Thornton e Light (2006) descrevem uma série de dificuldades linguísticas presentes na linguagem dos idosos: dificuldade de reconhecimento de palavra; pior desempenho de interpretação de sentenças não predicativas; dificuldade de manutenção da informação, processamento sintático afetado pela dificuldade na memória de trabalho; fenômeno de ponta-da-língua; dificuldade de identificar figuras de baixa frequência; expressão pior que a compreensão; diferenças entre o processamento semântico e o fonológico, dificuldades com inferências e pressupostos e disfluência. Os autores ainda ressaltam que há uma lacuna na produção de trabalhos sobre a linguagem dos idosos e sobre as mudanças que tanto os aspectos estruturais quanto discursivos vão sofrendo ao longo da vida de um indivíduo ou de uma faixa etária.

Há poucos trabalhos que se dedicam a descrever e a explicar as mudanças na fala dos idosos. Ressalta-se que essas mudanças ocorrem, principalmente, quando o papel social do idoso se altera. Com a perda do *status* social em um determinado momento da vida, características da linguagem passam a ser consideradas como 'sintomas' de uma patologia: "[...] não fala mais coisa com coisa, fulano repete sempre a mesma coisa, coisa de velho, fulano só fala do passado etc." (Novaes-Pinto, 2008, p. 14).

Sobre esse aspecto, Marcuschi (1991) chama a atenção para a chamada 'conversa de velhos', descrita

como sendo uma conversa comprida, sem fio, arrastada, pausada, o que só revela uma atitude preconceituosa com relação à linguagem do idoso. Preti (1991) já afirma que características como pausas, repetições, abandono de segmentos, desorganização sintática, sobreposições de vozes, disfluência, assaltos e entregas de turno, dentre outras, fazem parte de um quadro absolutamente normal, dentro do qual a linguagem dos idosos apresenta marcas específicas que podem ser vislumbradas nos campos prosódico, sintático, léxico e, sobretudo, discursivo ou conversacional. A instabilidade seria um fenômeno absolutamente normal na linguagem oral, nos falantes de qualquer faixa etária. O autor chama a atenção para as alterações qualitativas na fluência dos falantes idosos, que tendem a preferir repetições a paráfrases diante da necessidade de ênfase ou falhas de memória, comuns ao processo sincrônico de elaboração e produção de enunciado.

Vê-se aqui a carência de trabalhos mais específicos sobre o tema. É interessante, portanto, analisarmos a prosódia no processo de envelhecimento. A prosódia<sup>1</sup> destaca-se como um dos elementos caracterizadores da fala do idoso, mais especificamente no que se refere aos aspectos suprasegmentais, como o tempo, que compõe a dinâmica da fala e indica a velocidade da sua produção.

De acordo com Gomes et al. (2013), a diminuição da velocidade de desempenho é uma das características próprias do processo de envelhecimento, sendo que, no que se refere à fala, a deterioração da qualidade da produção vocal tende a ser socialmente estereotipada, repercutindo de maneira negativa na atividade comunicativa do sujeito idoso.

Menezes e Vicente (2007) afirmam que a velocidade de fala torna-se vulnerável ao envelhecimento na medida em que passa a ser o resultado de uma redução da capacidade pulmonar dos sujeitos idosos. A capacidade pulmonar, segundo as autoras, pode ser reduzida em até 40% da fase adulta à idosa, especificamente dos 20 aos 80 anos. Como a respiração é um dos componentes que contribuem para a oralidade, segundo as autoras, a diminuição da capacidade pulmonar acaba por influenciar diretamente na produção da fala.

<sup>1</sup> De acordo com Bollela (2006), o termo prosódia era utilizado pelos gregos em referência a traços de fala não representados ortograficamente – aos poucos, no entanto, alguns deles foram introduzidos por meio de sinais, como o acento, por exemplo. Apesar da possibilidade da representação ortográfica de alguns desses traços, a autora observa que atualmente o termo refere-se a todos os fenômenos fônicos suprasegmentais, como velocidade, duração, tom, altura, intensidade e ritmo, ou seja, acima da representação segmental dos fonemas.

Em um estudo sobre o desenvolvimento da fluência verbal, Martins e Andrade (2008) constataram que a velocidade de fala pode revelar tanto estados patológicos quanto sinais de degeneração normais. Segundo as autoras, a velocidade de fala mantém-se progressiva até a adolescência, estabilizando-se na fase adulta e regredindo na idade idosa. Assim, a partir dos 60 anos, a velocidade tende a diminuir progressivamente, de maneira que, a partir dos 80 anos, a velocidade de fala de idosos iguala-se à de crianças e de adolescentes<sup>2</sup>, denunciando de forma mais clara o processo de degeneração linguística.

Segundo Andrade e Martins (2010), os idosos normais, com mais de 80 anos, apresentam mais pausas e hesitações que adultos e, portanto, uma menor produtividade articulatória. As autoras acreditam que a possível instabilidade motora, característica da idade idosa, como se refere a literatura da área, possa ser responsável pela redução da velocidade de fala desses sujeitos. Já Mefferd e Corder (2014) interpretam a redução da velocidade de fala entre idosos como uma estratégia de compensação para o decréscimo do controle articulatório, cujo trato para execução da fala é bastante preciso.

Para Bollela (2006), a velocidade de fala pode assumir uma função estratégica dialógica, pragmática e fonética. Na situação de interação verbal, o aumento da velocidade indica ênfase no conteúdo e garantia de manutenção do turno. Do ponto de vista pragmático, a desaceleração salienta a importância do que se diz e a aceleração, ao contrário, como observa Cagliari (1992), anuncia o momento futuro em que o enunciador enfatizará a informação que considera importante. Do ponto de vista fonético, a aceleração indica o início do enunciado, ao passo que a desaceleração marca o fim do enunciado. No entanto, vale mencionar, acredita-se aqui que 'fonético' não seja o termo mais apropriado neste caso, pois marcar início e fim de conversação parece ser mais uma estratégia do tipo discursivo necessária na interação verbal, assim como as outras marcas de descontinuidades da fluência verbal, além dos gestos e das expressões faciais. Considera-se, assim, que os aspectos discursivos e pragmáticos fazem parte diretamente da significação, já que contribuem, a partir das condições de produção do enunciado, para a construção do sentido.

Do ponto de vista da interlocução, Lessa e Costa (2013) afirmam que o reconhecimento de sentenças na senescência é impactado pela velocidade de fala.

Segundo os autores, idosos normais apresentam melhor desempenho em relação à interpretação da fala do outro, quando a produção de sentenças é lentificada. Os autores observam ainda que a qualidade sonora do ambiente durante a produção verbal também contribui para este resultado, de maneira que sentenças lentificadas em ambientes silenciosos são mais bem compreendidas do que sentenças pronunciadas em velocidade regular de fala.

De modo geral, a maioria dos trabalhos apresentados anteriormente apresenta uma visão mais orgânica das questões prosódicas relacionadas à linguagem do idoso, que está sempre em deterioração: diminuição da capacidade pulmonar, diminuição da velocidade de fala, instabilidade motora, dentre outros. Ao que parece, não se consideram os aspectos socioculturais quando a fala é analisada. Afinal, será que a fala de idosos apresenta-se como um bloco homogêneo? Será que a velocidade de fala se modificaria entre falantes que compõem grupos linguísticos diferentes? Além das questões orgânicas já apontadas na literatura, haveria algum vínculo entre os aspectos socioculturais e a velocidade de fala em idosos?

Para discutirmos essa questão, tomaremos como posto de observação uma análise sociolinguística de variação prosódica nos idosos. Assim, este estudo tem como objetivo analisar a velocidade de fala entre falantes idosos da região Sudeste do Brasil.

## Metodologia

Foram analisados discursos semiespontâneos de 32 sujeitos, 16 idosos, de 50 a 65 anos, e 16 jovens<sup>3</sup>, de 18 a 30 anos, extraídos do banco de dados do ALIB (Atlas Linguístico do Brasil)<sup>4</sup>. Os sujeitos da pesquisa foram divididos em sexo (M e F), escolaridade (ensino fundamental e ensino superior) e capital (São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Vitória). Os participantes selecionados são nascidos e residentes nas capitais da região Sudeste, - nativos e filhos de nativos, de maneira a garantir a representação da identidade linguística local. Nenhum participante apresentou queixa de dano neurológico ou aparentou dano articulatório no momento da coleta de dados.

Os discursos analisados foram selecionados do questionário temático do ALIB, 'temas para discursos semidirigidos', 'relato pessoal', nas tipologias narrativa ('Me conta um acontecimento

<sup>2</sup> Segundos as autoras, é na idade infantil e adolescente que se dá a maturação do sistema neurolinguístico para a fluência, ao passo que, na idade adulta, a fluência (e as rupturas que a constituem) começam a se estabilizar.

<sup>3</sup> Apesar de o objetivo primordial deste artigo ser a comparação da velocidade de fala entre idosos, decidiu-se por analisar a velocidade de sujeitos jovens do mesmo perfil, apenas para verificar se os achados na literatura se confirmam nesta pesquisa.

<sup>4</sup> Para maiores informações, acessar o site do projeto em: <http://twiki.ufba.br/twiki/bin/view/Alib/WebHome>

marcante da sua vida (casamento, namoro...); ‘Me conta um caso que aconteceu com um amigo ou parente seu, o que você ouviu falar e que te chamou a atenção’) – e descritiva (‘Qual é/era a rotina do seu trabalho?’). Um turno completo sem interrupções e sem interferência direta do interlocutor foi selecionado dentre esses três discursos semidirigidos, de maneira que inícios e fins do turno, que apresentam velocidade distinta do desenvolvimento temático discursivo, fossem considerados entre todos os participantes.

Para a análise da velocidade de fala dos sujeitos, foi utilizado o programa *Transcriber* – disponível gratuitamente na internet – que permite a transcrição, análise acústica e medição temporal do traço selecionado. A transcrição foi duplamente conferida de maneira a garantir a lealdade do material transcrito. Considerou-se a produção de palavras – número de palavras do discurso por milissegundos. Descontinuidades de fala, como hesitação e pausa, não foram desconsiderados, palavras truncadas e marcadores conversacionais foram considerados palavras<sup>5</sup>.

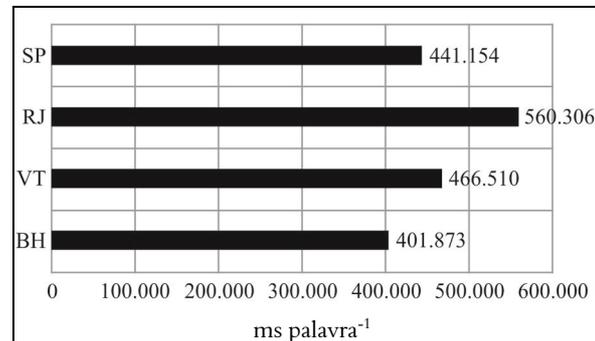
## Resultados e discussão

O resultado das análises de fala demonstrou haver variação de velocidade entre os idosos, segundo as variáveis estudadas. A análise por ‘capital’, conforme mostra a Figura 1, indicou que, dentre os sujeitos idosos da região Sudeste, os idosos provenientes de Belo Horizonte são os que apresentaram uma maior velocidade de fala (com média de 401.873 ms palavra<sup>-1</sup>) seguidos por paulistanos (441.154 ms palavra<sup>-1</sup>) e capixabas (466.510 ms palavra<sup>-1</sup>). Idosos do Rio de Janeiro apresentaram desempenho mais lento da região Sudeste, fazendo uso de, em média, 158.433 ms a mais que mineiros para a produção de uma palavra. Vejamos abaixo com mais detalhes essa questão.

O tamanho dos turnos diferiu entre os participantes, em conformidade com o encontrado na literatura sociointeracional, que se assume que cada falante, sob a perspectiva da fluência oral, apresenta um perfil linguístico, constituído na e/ou por meio da sua história social (Fillmore, 1979). Segundo Day (1979), a velocidade de fala e a extensão do enunciado refletem um perfil constituído socioculturalmente.

Para Day (1979), por exemplo, a resposta a uma mesma pergunta (“[...] quantas pessoas trabalham

para você?”) pode variar radicalmente entre os falantes: um locutor de Jockey tende a apresentar um enunciado longo e explicativo, ao passo que um nativo de Maine (nordeste dos EUA) tende a ter uma resposta consideravelmente mais curta.

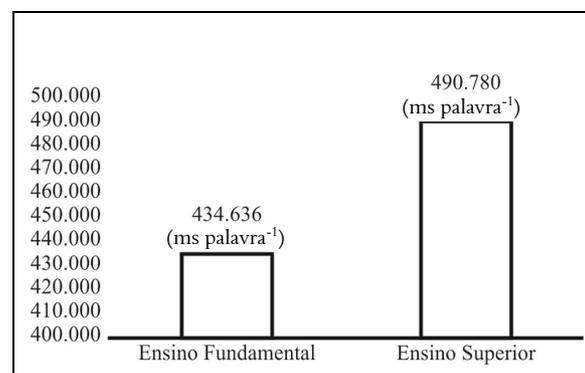


**Figura 1.** Desempenho por idade e capital.

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Schwab e Avanzi (2015) completam, afirmando que o estilo ou jeito da fala, além das variáveis tradicionais como regionalidade, idade e sexo, também pode contribuir para a caracterização de uma taxa de articulação na fala. Assim, no presente estudo, falantes da mesma região apresentaram extensões de enunciados diferentes, como mostra o exemplo a seguir, sem que isto, no entanto, tenha interferido no resultado, calculado pelo número de segundos por produção de palavras.

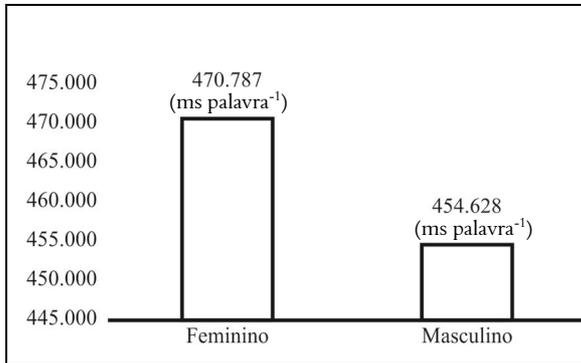
Em relação à escolaridade, foi possível verificar, conforme mostra a Figura 2, que idosos mais escolarizados apresentaram menor velocidade de fala que idosos menos escolarizados. A diferença entre as médias de produção foi de 56.144 ms por produção de palavra entre os idosos. A variável ‘sexo’, por sua vez, foi a que apresentou menor diferença de desempenho entre os sujeitos. Idosos do sexo masculino exibiram maior velocidade de fala que idosos do sexo feminino, conforme mostra a Figura 3.



**Figura 2.** Desempenho por escolaridade.

Fonte: Elaborada pelas autoras.

<sup>5</sup> Parte-se do pressuposto de que as descontinuidades de fala são constituintes da fluência verbal (Koch & Silva, 2002), de maneira que desconsiderar essas marcas de planejamento *on-line* significaria comparar a linguagem oral com a linguagem escrita, cuja natureza é outra (Marcuschi, 1997). Assim, optou-se por considerar essas marcas na análise do discurso da velocidade de fala.



**Figura 3.** Desempenho por sexo.

Fonte: Elaborada pelas autoras.

A análise prosódica dos 16 falantes idosos permitiu delinear um perfil de velocidade de fala de idosos na região Sudeste, com uma média de desempenho de 467.461 ms por produção de palavra.

### Conclusão

O envelhecer não pode ser discutido como se fosse um processo homogêneo, isoladamente orgânico, e independente dos aspectos sociais e culturais, como os traços de fala local, a competência discursiva, o nível de escolaridade e as questões relativas à enunciação como um todo. Nesse sentido, a linguagem, que se dá no e pelo meio social, reflete as identidades e as características linguísticas específicas dos sujeitos dessa faixa etária.

Assim, vemos que a fala do idoso também apresenta heterogeneidade com relação à velocidade de fala, demonstrando variação de desempenho em relação a esse aspecto prosódico. Dessa maneira, acredita-se que fatores socioculturais possam contribuir para a regulação da velocidade de fala desses sujeitos. Esta hipótese é reforçada pela comparação da velocidade da fala entre idosos mais e menos escolarizados, já que os idosos com escolaridade superior apresentaram uma significativa redução na velocidade da fala em comparação com os idosos de baixa escolaridade. De acordo com os achados na literatura sobre o efeito da escolaridade na expansão da reserva cognitiva, o sujeito idoso mais escolarizado, seja em contexto patológico, seja em contexto de degeneração normal, mantém suas características linguísticas mais preservadas do que os sujeitos menos escolarizados (Manly et al., 1999; Ceci, Rosenblum & Debruyn, 1999; Siedlecki et al., 2009; Stern, 2002). Nesse sentido, considerando os resultados deste estudo, seria um contrassenso assumir que os efeitos de degeneração, isoladamente, explicassem o diferente desempenho entre os idosos mais e menos escolarizados desta pesquisa,

principalmente se se atentar para a diferença entre os anos de escolaridade - ensino fundamental (4 anos) e superior (12 anos). Estes resultados sugerem que a redução da velocidade de fala no envelhecimento deve ser observada com cautela, visto que ela pode ser também efeito de uma estratégia discursiva. Assim, pode-se hipotetizar que a alteração temporal não seja (tão somente) o resultado de uma degeneração neurocognitiva ou motora, mas antes possa ser também a expressão relacional entre as faces do locutor (idoso) e do interlocutor (jovem ou idoso) no processo enunciativo de negociação de sentidos, perpassada pelos aspectos socioculturais.

Por fim, conclui-se, com esta pesquisa, que a questão prosódica, especificamente relacionada à velocidade, não se mostra definida nos idosos, sofrendo variações socioculturais. Logo, os fatores sociais têm intrínseca relação com os orgânicos. Vê-se também que, embora este ainda seja um tema com poucas produções científicas, o seu estudo pode contribuir para o entendimento da linguagem no envelhecimento, para além de uma questão apenas orgânica. Ressaltamos ainda a importância da continuidade da pesquisa em outras regiões do país, assim como entre países, para que se possa entender melhor a relação entre envelhecimento orgânico e aspectos socioculturais.

### Referências

- Andrade, C. R. F., & Martins, V. O. (2010). Variação da fluência da fala em idosos. *Pró-Fono Revista de Atualização Científica*, 22(1), 13-18.
- Bollela, M. F. F. P. (2006). A prosódia como instrumento de persuasão. *Coleção Mestrado em Linguística*, 1, 113-128.
- Cagliari, L. C. (1992). Prosódia: algumas funções dos supra-segmentos. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 23, 137-151.
- Camarano, A. A. (2002). Envelhecimento da população brasileira: uma contribuição demográfica. *IPEA*, 1-24. Recuperado de [http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/2091/1/TD\\_858.pdf](http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/2091/1/TD_858.pdf)
- Ceci, S. J., Rosenblum, T. B., & Debruyn, E. (1999). Laboratory versus field approaches to cognition. In R. J. Sternberg. (Ed.), *The nature of cognition* (p. 385-408). Cambridge, MA: MIT Press.
- Damasceno, B. P. (1999). Envelhecimento cerebral: o problema dos limites entre o normal e o patológico. *Arquivos em Neuro-Psiquiatria*, 57(1), 78-83.
- Day, R. S. (1979). Verbal fluency and the language-bound effect. In C. J. Fillmore, D. Kempler, & W. S-Y. Wang (Eds.), *Individual differences in language ability and language behavior* (p. 57-84). New York, NY: Academic Press.
- Fabron, E. M. G., Sebastião, L. T., & Onofri, S. M. M. (2013). Promoção da saúde e M grupos de terceira

- idade: ênfase na comunicação e voz. In C. M. Giacheti, & Gimenez-Paschoal S. R. (Org.), *Perspectivas multidisciplinares em fonoaudiologia: da avaliação à intervenção* (p. 133-154). Marília, SP: Oficina Universitária; São Paulo, SP: Cultura Acadêmica.
- Fillmore, C. J. (1979). On fluency. In: C. J. Fillmore, D. Kempler, & W. S-Y. Wang (Ed.), *Individual differences in language ability and language behavior* (p. 85-101). New York, NY: Academic Press.
- Gomes, J. C. P., Burns, G. F. P., Coelho, G. F., Costa, P. N., Aroeira, K. P., & Endringer, D. C. (2013). Estudo comparativo entre hábitos vocais, sedentarismo e qualidade de vida em Idosos frequentadores da unidade de Saúde Vila Nova. *Revista Espaço Para a Saúde, 13*(1), 18-28.
- Hareven, T. K. (1999). Novas imagens do envelhecimento e a construção social do curso da vida. *Cadernos Pagu, 13*, 11-35.
- Koch, I. G. V., & Silva, M. C. P. S. (2002). Atividades de composição do texto falado: a elocução formal. In A. T. Castilho, & M. Basílio (Orgs.), *Gramática do português falado* (Vol. IV, 2a ed. rev., p. 371-404, Estudos Descritivos). Campinas, SP: Unicamp.
- Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003 (2003, 1º de outubro). Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. Recuperado de [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/110.741.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.741.htm)
- Lei nº 8.842, de 4 de janeiro de 1994 (1994, 4 de janeiro). Política Nacional do Idoso. 2010. Recuperado de <http://www.mds.gov.br/assistenciasocial/secretaria-nacional-de-assistencia-social-snas/cadernos/politica-nacional-do-idoso/Politica%20Nacional%20do%20Idoso.pdf/download>
- Lessa, A. H., & Costa, M. J. (2013). The impact of speech rate on sentence recognition by elderly individuals. *Brazilian Journal Otorhinolaryngology, 79*(6), 745-52.
- Manly, J. J., Jacobs, D. M., Sano, M., Bell, K., Merchant, C. A., Small, S. A., & Stern, Y. (1999). Effect of literacy on neuropsychological test performance in nondemented, education-matched elders. *Journal of the International Neuropsychological Society, 5*(3), 191-202.
- Marcuschi, L. A. (1991). Apresentação. In D. Preti. (Org.), *A linguagem dos idosos: um estudo de análise da conversação* (p. 9-13). São Paulo, SP: Contexto.
- Marcuschi, L. A. (1997). Oralidade e escrita. *Signótica: Revista do Mestrado em Letras e Linguística, 9*(1), 119-145.
- Martins, V. O., & Andrade, C. R. F. (2008). Perfil evolutivo da fluência da fala de falantes do Português brasileiro. *Pró-Fono Revista de Atualização Científica, 20*(1), 7-12.
- Mefferd, A. S., & Corder, E. E. (2014). Assessing articulatory speed performance as a potential factor of slowed speech in older adults. *Journal of Speech, Language, and Hearing Research, 57*(2), 347-360.
- Menezes, L. N., & Vicente, L. C. C. (2007). Envelhecimento vocal em idosos institucionalizados. *Revista CEFAC, 9*(1), 90-98.
- Monteiro, M. I. B., & Gamburgo, L. J. L. (2007). Envelhecimento e linguagem algumas reflexões sobre aspectos cognitivos na velhice. *Revista Kairós, 10*(1), 35-50.
- Morato, E. M. (2002). *Linguagem e cognição: as reflexões de L. S. Vygotsky sobre a ação reguladora da linguagem*. São Paulo, SP: Plexus.
- Novaes-Pinto, R. C. (2008). Preconceito lingüístico e exclusão social na normalidade e nas chamadas patologias de linguagem. *Avesso do Avesso, 6*(6), 8-36.
- Organização Mundial da Saúde [OMS]. (2001). *The world health report 2001*. Geneva, SW: WHO.
- Portaria nº 2.528, de 19 de outubro de 2006 (2006, 19 de outubro). Aprova a Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa. Recuperado de <http://www.saudeidoso.iciet.fiocruz.br/pdf/PoliticaNacionaldeSaude-da-PessoaIdosa.pdf>
- Preti, D. (1991). *A linguagem dos idosos*. São Paulo, SP: Contexto.
- Ramos, L. R. (2003). Fatores determinantes do envelhecimento saudável em idosos residentes em centro urbano: Projeto Epidoso, São Paulo Determinant factors for healthy aging among senior citizens in a large city: the Epidoso. *Cadernos de Saúde Pública, 19*(3), 793-798.
- Schwab, S., & Avanzi, M. (2015). Regional variation and articulation rate in French. *Journal of Phonetics, 48*, 96-105.
- Siedlecki, K. L., Stern, Y., Reuben, A., Sacco, R. L., Elkind, M. S., & Wright, C. B. (2009). Construct validity of cognitive reserve in a multiethnic cohort: The Northern Manhattan Study. *Journal of the International Neuropsychological Society, 15*(4), 558-569, 2009.
- Stern, Y. (2002). What is cognitive reserve? Theory and research application of the reserve concept. *Journal of the International Neuropsychological Society, 8*(3), 448-460.
- Thornton, R., & Light, L. L. (2006). Language comprehension and production in normal aging. In J. E. Birren, & K. W. Schaie (Eds.), *Handbook of the psychology of aging* (6th ed., p. 261-287). San Diego, CA: Elsevier.
- Verhaegen, C., & Poncelet, M. (2013). Changes in naming and semantic abilities with aging from 50 to 90 years. *Journal of the International Neuropsychological Society, 19*(2), 119-126.

Received on May 6, 2015.

Accepted on July 27, 2015.

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.